

RESENHA

KATZ, Frederico Jayme. **Questionando as teorias da dependência e da financeirização: o Brasil na encruzilhada do desenvolvimento do capitalismo.** São Paulo: Plêiade, 2011.

O pensamento econômico e o desenvolvimento do capitalismo no Brasil atual: considerações a partir de Katz

JANI ALVES DA SILVA MOREIRA*



O livro, escrito por Frederico Jayme Katz, nos instiga a pensar sobre a história do pensamento econômico e a interpretar o desenvolvimento brasileiro no capitalismo atual. O conteúdo deste livro se distingue de outros que abordam essa temática. Não é um livro neutro, pois preserva argumentos que tenta refazer o curso da História. Apresenta questionamentos acerca de duas teorias que interpretam o capitalismo atual: a Teoria da Dependência e a Teoria da Financeirização. É composto por três partes: I- Teoria da Dependência (TD) e a Tese do Bloqueio (TB) do desenvolvimento do capitalismo na periferia; II – A Teoria da Financeirização (TF) e III – O debate sobre o desenvolvimento do capitalismo na periferia nos séculos XIX, XX e XXI. É resultado do apoio pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Programa de Apoio a Redes de Pesquisa (PROREDES) que proporcionou recurso financeiro ao desenvolvimento da

pesquisa ocorrida no período de fevereiro de 2009 a janeiro de 2010.

O referencial teórico-metodológico utilizado pelo autor não cabe na abordagem liberal, mas enfrenta e vai contra as correntes das “Esquerdas”: a Teoria da Dependência com a Tese do Bloqueio e a Teoria da Financeirização. O autor indica que a leitura do livro pode ser feita por meio de consulta aos capítulos. Há uma organização didática, cronológica e eficaz que facilita a consulta dos pontos mais importantes e esclarecedores das análises evidenciadas, além de apresentar excelentes notas de rodapé que explicitam com detalhes algumas informações e conceitos. O autor apresenta de forma clara questões complicadas da economia e do nosso tempo.

Esclarece o autor que a Teoria da Dependência e a Tese do Bloqueio, em linhas gerais, referem-se ao entendimento de que o desenvolvimento do capitalismo nos países periféricos é um processo bloqueado sem exceções, marcado pela limitação ente Centro/Periferia, uma característica global da realidade. Segundo o autor:

A Teoria da Dependência, como se apresenta hoje em suas versões mais sofisticadas, é uma sucessora

aperfeiçoada de uma antiga linhagem de posições que, para não exemplificar fora das criações Latino-Americanas, inicia-se com o estagnacionismo e passa por outras versões do subdesenvolvimentismo (KATZ, 2011, p. 241).

Os postulados da TD apresentam uma análise que privilegia uma diferenciação das situações e das possibilidades entre os países do Centro em comparação com os países da Periferia. Tais diferenças são geradas e se mantêm por meio das relações que são desiguais entre esses países, deste modo: “A existência desta assimetria e de dificuldades redobradas para que ocorra desenvolvimento do capitalismo nos países periféricos, é incontestável” (KATZ, 2011, p. 241).

Katz (2011) afirma que a primeira referência sobre a TB está na obra *Manifesto Comunista*, nas ideias propaladas por Marx e Engels no século XIX quando esses expressaram o socialismo pequeno-burguês. Assim elucida o autor:

[...] a Pequena Burguesia é caracterizado pelos autores [...] o mesmo pode ter origens diversas e ocupar espaços diferentes em função das características e do estágio de desenvolvimento capitalista no país em foco, sendo sempre um grupo, ou posição, fora das duas classes mais importantes, dos capitalistas e do proletariado. O que é uma constante é que o desenvolvimento do capitalismo o submete sempre a uma situação desvantajosa e dúbia. Em razão disso, tende a gerar teorias que, de alguma forma, tentam negar e se opor ao processo e que, ao mesmo tempo, se expressam na forma de anseio ou saudades em relação a situações do passado e “procuram fazer retroceder a roda da História” (KATZ, 2011, p. 26 e 27).

Algumas décadas mais tarde, o debate e as interpretações da TB reapareceram na

Rússia e nos Séculos XX e XXI as mesmas se readaptaram e ressurgiram em outros contextos com ampla influência nas Esquerdas e no debate sobre o desenvolvimento do capitalismo na Periferia. Houve uma mudança no formato da TB, foi apresentada em diferentes formatos, de uma versão reformada na qual não caberia mais “retroceder a roda da História”, afirmava-se nas últimas décadas do século XIX, “que o capitalismo não seria capaz de se viabilizar” (KATZ, 2011, p.29).

A Teoria da Financeirização (TF) interpreta o capitalismo atual como uma etapa que ocorreu a dominação e hegemonia do capital financeiro, sem considerar a possibilidade de volta, sob o equilíbrio entre Esfera Financeira e da Produção, no qual o movimento do capitalismo ocorre sob a Esfera Financeira. Esta visão, de acordo com o autor, possui uma falha teórica ao centrar suas análises na Esfera da Circulação:

Uma consequência muito importante desta falha teórica-metodológica da TF é que ficam prejudicadas as condições de, a partir da mesma, se traçar considerações sobre possibilidades futuras. Sem as interações entre esferas, as análises caem, no sentido de aventar prospectivas, num labirinto sem saída. Em uma espécie de *Fim da História* para as Esquerdas, relativo ao desenvolvimento do capitalismo no Centro, mais ainda na Periferia, que leva à equivocada encruzilhada de possibilidades do tipo: *América Latina: subdesenvolvimento ou Revolução*¹ (KATZ, 2011, p. 40).

Além de prever visões e conjecturas apocalípticas e futurísticas, a TF, sob o ponto de vista científico, integra-se aos fatos da realidade e descreve o panorama

¹ Em itálico nesta citação, o autor se refere ao título das famosas obras de Francis Fukuyama e Andre Gunder Frank.

atual. O principal autor de destaque desta teoria é François Chesnais. No Capítulo 3, Katz discorre sobre uma “Outra visão sistêmica e alternativa” do capitalismo por meio da Teoria da História em Marx e deixa evidente o pano de fundo para suas análises. Ao examinar os autores da TF, Katz destaca que há uma dificuldade nas conclusões quanto ao desenvolvimento e crise do capitalismo são tidas como nefastas. O autor coloca em dúvida de que uma saída radical seja a solução para a saída da crise do capital.

Particularmente, a leitura dos Capítulos 8, 9, 10 e 11, nos chamou muito a atenção por se tratar de uma apresentação que nos aproxima cronologicamente à atualidade (1940-2011) e por ser didaticamente muito esclarecedora a forma como o autor organizou as discussões. Para um desentendido em teorias do desenvolvimento econômico, uma rápida consulta elucidará o contexto de surgimento, proporcionará a conceituação de cada teoria e as análises econômicas predominantes no período histórico compreendido.

Ao centrar a leitura no momento histórico atual, atentamos para as discussões sobre o possível rompimento da barreira do subdesenvolvimento que o Brasil teoricamente enfrentou no triênio 2009-2011. As explicitações de Katz revelam que há concordâncias entre diversos teóricos de que o Brasil poderá ser a “bola da vez” no cenário econômico

mundial, porém as discordâncias de sentenças liberais, na mídia, são radicais e estabelecem uma agenda para as próximas décadas. Como destaca;

“Essencialmente, aprofundando o ajuste nas contas públicas e ampliando a eficiência do governo” e depois: “O consenso” que pode ser descrito como mais urgente – quase emergencial - é o que diz respeito à contenção do avanço nos gastos públicos.” E seguem com as conhecidas sugestões Liberais de “fazer com que os servidores custem menos e produzam mais” e “estancar o dreno da Previdência” e ataques a “rigidez dos contratos de trabalho (KATZ, 2011, p. 227).”

Diante das diversas interpretações, destaca o autor que o Brasil se encontra numa *nova Onda de Grande Transformação*, um movimento de difusão da nova tecnologia com expansão da economia, com evolução positiva da classe trabalhadora. Para Katz é provável que o Brasil esteja a ingressar num período Keynesiano, com a predisposição para um surto de crescimento. Todavia, diferentemente das aspirações Social-Democrata, um novo desenvolvimentismo poderá vir a surgir, pois as condições objetivas para a virada do jogo estão postas, para que enfim “[...] a sociedade possa começar seu acerto de contas com as desigualdades sociais” (KATZ, 2011, p. 245).



* **JANI ALVES DA SILVA MOREIRA** é docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação, na Universidade Estadual de Maringá, e doutoranda em Educação pela mesma instituição.